

# **A PARTIR DO APÓSTOLO PAULO, COMO ENTENDER A EVANGELIZAÇÃO?**

*Herminio Andrés Torices*

## **1. ENTENDER O EVANGELIZAR DE PAULO COMO UM ACONTECIMENTO E NÃO COMO UM DISCURSO**

Esta é uma oportunidade para partilhar com vocês um assunto que venho desenvolvendo e uma preocupação que tenho: é que algumas coisas ainda não funcionam e não estão bem esclarecidas no que diz respeito ao evangelizar de Paulo, ou estão e não interessam que sejam esclarecidas.

Então o que quero passar para vocês, apesar da limitação do tempo, são alguns aspectos que devem ser levados em conta, para que apareça o evangelizar não como um falar e sim como um acontecer.

Na hora de entender o que é: “Eu fui enviado para evangelizar e não para batizar” e “Eu não me envergonho do evangelho” ou “Eu transmito a vocês o evangelho que recebi”. Na hora de formular essas idéias no pensamento de Paulo, nós temos algumas dificuldades de aproximação conceitual porque projetamos sobre elas 20 séculos de história, e, sobretudo, projetamos sobre elas uma Igreja sobre a qual a gente vive, uma Igreja que já tem uma história de evangelização. E ao ler estes textos a gente os entende imediatamente a partir da realidade que vivemos e nos envolvemos principalmente pela catequese

que recebemos, principalmente pela forma como fomos catequizados.

Para entender o evangelizar de Paulo no sentido de acontecimento que vai ser uma provocação para um grande projeto de evangelização, muitas vezes eu falo de um projeto alternativo - esta é exatamente a palavra para evangelizar o Império Romano. O Império Romano também tem um evangelho, também evangeliza.

Na época de Paulo, a família herodiana se constitui também como única, ela não tem coragem de assumir o sumo sacerdócio, mas ela mantém sempre, principalmente com Agripa, uma certa vontade messiânica. Narram-se algumas chegadas de Agripa onde muitas vezes se apresenta este aspecto messiânico e de alguma maneira quer cativar o judaísmo, cativar os judeus.

Numa obra publicada recentemente se pensa muito mais na família herodiana como uma família judia de influência greco-fenícia da região da Judéia perto do mar, não da região judaica mais do interior, e isto é surpreendente, porque isso modifica muito a maneira de compreender a figura de Paulo neste momento.

Ao querer esclarecer o acontecer como projeto evangelizador em contraposição ao dizer, ao ensinar, ao falar, ao fazer uma teologia, é preciso prestar atenção a alguns momentos que podem ser perigosos na hora de entender Paulo.

Nós já temos dificuldades de entender o evangelizar porque projetamos sobre o evangelizar de Paulo um conteúdo doutrinário: alguém que fala, alguém que dá uma palestra, ou seja, como um bispo que chega em sua diocese e entra na igreja, e as pessoas acreditam, quer dizer, reagem com uma atitude de fé. Para eles a pregação os converte, ou seja, é como se fosse uma questão de pura transmissão de conceitos, com o que se perde o grande acontecimento que provocou a reviravolta

na vida de Paulo e marcou definitivamente a sua aprendizagem, porque ele foi aprendendo a sua responsabilidade sobre o evangelizar.

## 2. ALGUMAS DIFICULDADES QUE TEMOS PARA COMPREENDER O EVANGELIZAR DE PAULO

Existem algumas dificuldades que precedem este evangelizar: **uma delas** é a separação entre o religioso e o profano.

Nós falamos de evangelizar e imediatamente pensamos numa questão religiosa, teológica e não percebemos que por detrás do evangelizar está um fato transformador de uma sociedade, ou seja, o evangelizar é fazer um caminho de transformação de uma sociedade que já tem os seus evangelhos.

Essa sociedade já tem vários níveis: tem o nível do judaísmo, o nível da Palestina ocupada, o nível da cultura helênica que passa agora a ser assumida pelo Império com muito prazer, o nível das próprias comunidades judeu-cristãs nas quais Paulo cresce como “convertido”, onde ele aprende a entender o que aconteceu consigo mesmo.

A diferença entre o religioso e o profano prejudica muito a compreensão do que seja Paulo evangelizador.

Evangelizar é um ato extremamente social, social no sentido de ter algo a ver com a sociedade, quer fazer algo na sociedade, alguma coisa que espera que a sociedade modifique. É lógico que implica mudanças políticas, econômicas, sociais, e com certeza é necessário uma base religiosa para essa mudança.

Interpretar o evangelizar no contexto religioso nos

limita muito na compreensão de Paulo, como limita na compreensão na cruz de Cristo. Ou seja, entender a cruz de Cristo como um dado religioso quebra toda a contestação que a cruz representa no Império e o absurdo da proclamação da cruz.

Historicamente a cruz é o castigo dado para os não conformados com o Império, para os que não aceitam os valores do Império, nesse sentido quando se busca nela um símbolo religioso, tira aquilo que mais se esperou dela, que é mudança fundamental do projeto humano, ou seja, aquele que coloca a cruz coloca outro valor de sociedade, outro projeto que não é como a Pax Romana. Sendo a Pax Romana o grande projeto da época, pode-se imaginar que quem prega a cruz não vai se sentir muito à vontade.

Esta tendência muito forte entre nós, que somos Igreja, em pensar o evangelizar como uma tarefa da Igreja que leva a salvar almas, é o caminho que não se pode fazer para entender Paulo. Ou seja, o caminho primeiro e mais importante é entender o evangelizar como uma proposta diante de uma sociedade que se organiza, que tem sua propaganda, que tem o seu marketing, e muito bem feito, e que produz crucificados, produz sociedades alienadas. Então esse caminho não é legal, mais adiante veremos porque não é legal. Agora vamos entender Paulo.

Paulo é fascinante, mas se você não pegar a chave correta, você sempre falará coisa fora, não que seja errada, mas que não bate. Você começa a perceber que alguma coisa não funciona, porque tem muito da linha apocalíptica e porque é um mundo que a gente não está muito acostumado a lidar com ele. “Eu fui levado ao terceiro céu”. Quem está acostumado com isso? “Eu vi coisas, eu ouvi...”. Nós somos muito racionais para acreditar que esses vãos para o céu sejam levados a sério pelos judeus. Não obstante emanam da mitologia que Paulo usa com muita frequência. “Foi me revelado” Como é? Deus pegou o telefone e ligou para você? E é isso que nós pensamos muitas

vezes, ou seja, Paulo sabe, porque Deus lhe revelou e o outro não sabe, porque Deus não lhe revelou. Isto quando não saímos fora do contexto apocalíptico, fora, totalmente fora.

**Uma segunda dificuldade** que sinto quando a gente quer entender e esclarecer o evangelizar, de alguma maneira ligada à primeira, é interpretar o evangelizar como um processo de esclarecimento intelectual que deve levar o ouvinte a uma convicção dogmática de fé e a uma adesão a uma religião, nesse caso o cristianismo. Ou seja, tudo está errado nesta frase, não existe cristianismo. Paulo vive um mundo que ainda não é “cristão”, - vamos colocar cristão entre aspas, inclusive porque é um termo usado por seus adversários. Paulo vive num mundo judaico, ele nunca chama as comunidades de cristãs, chama-as de escolhidas, amadas, mas nunca cristãs.

Nós, para entender, vamos falar de judeus-cristãos, judeus seguidores de Jesus de Nazaré. É nesse mundo no qual Paulo está. Então, não é que Paulo tenha ido de um lugar do judaísmo para um lugar do cristianismo. Esse processo está muito distante ainda de acontecer, é um processo que tem muito mais a ver com o exército romano do que com a teologia. É muito mais aberto com as armas do que com a fé.

**A terceira dificuldade** que eu encontro é que é preciso contextualizar muito bem, é preciso compreender bem, através das fontes, aquela realidade na qual Paulo viveu, uma realidade que é o Império Romano com um projeto bem claro, bem determinado para uma região bem concreta, seja a região da Palestina - se Paulo teve uma atuação em Jerusalém, o que é pelo menos uma possibilidade - seja na região da Síria, Cilícia, Antioquia, Damasco e tem que se levar a sério a afirmação de Lucas de que ele teria vivido na região de Damasco.

Não se pode entender o evangelizar de Paulo como se ele fosse um membro da Igreja que age em contraposição aos que eram membros do judaísmo, ou seja, uma contraposição de duas religiões, uma que é a de Paulo e outra a da realidade

atual. Quer dizer, Paulo teria se convertido do judaísmo ao cristianismo e agora evangeliza como cristão. As duas coisas estão historicamente erradas. Paulo não se converte do judaísmo ao cristianismo e também não existe um judaísmo que se deixa para entrar no cristianismo. Estamos dentro de um pluralismo judaico onde e dentro do qual cabe muito bem a interpretação judaica que Paulo faz a partir da experiência que ele teve, que vamos ver mais adiante, de Jesus de Nazaré.

Já estávamos diante do mundo judaico, de seus projetos, de um pluralismo muito grande produzido pela ocupação, pela presença do Império Romano. A presença do Império tira as raízes das pessoas, ela deixa as pessoas fora de seu entendimento, porque produz pactos, porque produz acordos porque produz imagens diferentes e faz com que as pessoas expressem as próprias traições, aquelas traições as quais somos todos convocados muitas vezes, e que não caímos porque não temos oportunidade. Quando a crise da ocupação é tão forte, a sociedade se desmembra e produz interpretações diferentes para buscar a própria saída.

É este judaísmo no qual Paulo vive, judaísmo com muitas propostas, e por isso o caminho correto é entender que Paulo é um homem que vive dentro do judaísmo sem trair a sua religião, sua origem, sua interpretação, seu ser fiel à Deus e o seu ser de pertença a um povo. É um homem que interpreta dentro do grande Império a proposta que avança um pouco no descontentamento que o judaísmo teve com Roma.

A grande verdade é que o Império não soube lidar com esse grupo chamado judaísmo. Roma também não tinha muito interesse, não demonstrou muito interesse em respeitar essa particularidade desse grupo “teimoso” que não se acomoda à grande obra evangelizadora da Pax Romana. Que pode ceder, porque se não ceder apanha, mas que não perde a identidade, inclusive quando os judeus vivem fora da Palestina, na diáspora.

Dentro dessa idéia, também é complicado entender o

evangelizar de Paulo como se fosse uma contraposição de um todo organizado que poderíamos chamar de judaísmo, para outro todo organizado que seria o cristianismo. No fundo, a grande dificuldade para entendermos a experiência e a proposta de Paulo, é não entender o profano da mensagem de Paulo como modificação do mundo, é querer projetar religião onde tudo é mais complexo, onde a religião é um pouco a base da própria autoridade do Império.

O imperador é o grão-sacerdote da religião do Império, uma religião que pouco interessa. Interessa como aprovação da força do Império, mas não como algo que vai tocar as consciências das pessoas, as consciências são tocadas pelas religiões familiares, pelos deuses da casa. É aí onde a vida religiosa acontece, e acontece como uma religião de superstição bastante significativa.

Às vezes, a vontade que nós temos de entender as nossas origens como algo intacto esconde um pouco essa floresta que é muito bonita e muito rica. Então, é preciso ir em busca da aventura desta floresta maravilhosa, busca que é muito arriscada, com muitos desafios, que produz, inclusive em Paulo, aquela figura que encontrou muitas dificuldades, inclusive para ele mesmo ser reconhecido no próprio grupo. É essa floresta que quero agora tentar desvendar.

### **3. A CONVERSÃO DE PAULO COMO PROCESSO OCORRIDO NA COMUNIDADE**

Algumas coisas atrapalham o entendimento da frase: “Eu fui vocacionado para evangelizar”. Eu dizia que fundamentalmente o que atrapalha é entender o evangelizar como um processo religioso como se não tivesse nada a ver com outros aspectos da vida, que me levam já a dizer que o

evangelizar, por ser um conceito que não é publicamente judaico, nem cristão e também do Império, tem muito a ver com a sociedade, com o projeto da sociedade.

E de fato é aí onde vai estar a grande novidade do evangelizar de Paulo em relação aos judeus, ao Império, aos judeus-cristãos, aqueles que vieram do judaísmo e se fizeram seguidores de Jesus de Nazaré, inclusive as próprias comunidades que ele percorria, que ele acaba perdendo ou que são pelo menos ameaçadas. Paulo tem que reconquistar todas as comunidades que foram criadas, não é à toa que isso acontece, está no núcleo desses acontecimentos. As lições que Paulo aprende a fazer, é uma coisa que surpreende no estudo que fui fazendo sobre Paulo, vendo como as coisas vão acontecendo habitualmente. Elas são processo, inclusive a mudança de Paulo. Eu sempre relutei muito em usar a palavra conversão justamente por isso, porque conversão dá impressão de que há uma mudança, que produz ou é produzida por alguém, que faz com ele que era assim, agora é de outro jeito.

Hoje nós sabemos que aquele que tem uma experiência forte na vida e que faz com que seus valores sejam modificados, esses valores passam a ser entendidos, e sobretudo pensados, a partir daquela realidade que agora ele vive sem contestar. Ou seja, a comunidade ensina o convertido a entender o seu passado, e por isso vocês vão perceber que o convertido olha o passado com sentido negativo. Paulo mesmo diz que seu passado foi algo perdido em relação ao que atualmente ele ganhou.

#### **4. PAULO, UM JUDEU TREINADO NA TORÁ**

Paulo, penso eu - aqui começo a usar hipóteses - foi um judeu de uma família relativamente poderosa, o suficiente

para fazer com que o filho fizesse uma carreira de conhecimento, de estudo. Paulo não precisou, na hora de passar a evangelizar a Torá para evangelizar a Jesus Cristo, fazer um curso de teologia. Ele já conhecia a teologia, já tinha a linguagem que iria usar, tinha já o conhecimento da exegese tal como era feita nos livros dos Rabis, ou nas escolas chamadas casas de estudos que é um pouco mais que ir às sinagogas.

A gente está acostumado a falar das coisas como se existissem, mas provavelmente as sinagogas ainda não existiam na região da Palestina. A arqueologia não descobriu ainda dados seguros da existência de sinagogas na época de Jesus e também na época de Paulo. É verdade que existem sinais que eles se reúnem. Este reunir pode ser a sinagoga, sem pensar ainda em um lugar específico onde a pessoa faz aquele processo que nós conhecemos de educação.

Então muitos detalhes ainda são inseguros na hora de você querer reconstruir com uma certa tranqüilidade o que deve ter acontecido com Paulo. Penso eu que é seguro dizer, pelo que vamos ver depois, que Paulo foi um homem preparado no zelo para com as coisas paternas, não só alguém que é fiel na vida, mas alguém que estuda. Ele é fiel e sabe que estudar a Torá é a grande vocação para descobrir o caminho de Deus. Sabe que o judaísmo se caracteriza fortemente por essa preocupação com a Torá. A Torá que é vista do ponto de vista dos homens, pelo esforço dos homens nas diferentes etapas para entender as grandes raízes, aquelas raízes que eles consideram que constitui esse povo.

Do ponto de vista religioso, na Torá parece que Deus se revela e fala o que ele quer. Isto é complicado porque nem se sabe como isto aconteceu, nem porque foi feita em hebraico, aramaico e grego, ou seja, a palavra "revelação" é sempre um conceito complicado. Complicado porque na hora de querer dar razão para nosso curso, principalmente no que estava querendo dizer, e aí que está a minha dificuldade de trabalhar a temática Paulina.

No fundo esta é a preocupação que me leva a aprofundar cada vez mais o que de fato pode estar acontecendo. Então, penso que Paulo foi um homem como um outro judeu qualquer, provavelmente pela própria capacidade, um homem destinado ou vocacionado para ser um dia alguém responsável por uma comunidade judaica, ou seja, para interpretar a Torá, ou seja, para explicitar práticas haláquicas do cotidiano.

O judaísmo se caracteriza pelo fazer e não pelo dizer, o judaísmo é prático é pouco teórico, é halacá, e ele cria uma força para "halaquiar", um pouco de alegria que o judaísmo produz para que a halacá seja vivida com um pouco de alegria. É interessante que nós sempre pensamos que o judaísmo é muito legalista. Na realidade estamos muito enganados, quando falamos do judaísmo, em pensá-lo como legalista.

Eu penso que Paulo é treinado como um bom fariseu, como escriba, na verdade existe uma diferença entre escriba e fariseu. Escriba é uma profissão é alguém especializado em ensinar a Escritura, fariseu não é profissão, é alguém que vive um determinado modelo de vida, muito fiel à interpretação rigorosa da Escritura, mas ele vive entre os chamados "amoraim", pequenas comunidades onde há leis limitantes, chamadas leis de pureza. Os limites são muito cuidadosos para poder manter-se fiel a uma interpretação bastante rigorosa feita majoritariamente pelos escribas dos fariseus.

Devo dizer que, quando falamos de farisaísmo, falamos de uma entidade extremamente complicada e complexa nesse desenvolvimento. Um diálogo sério hoje com o judaísmo, e a Igreja está pretendendo este diálogo, é uma exigência inclusive de outras entidades, nos obriga a calcularmos, a pesarmos bem as palavras que vamos usar. Reconheço que isso deve passar através de vocês para o povo, já que nos sentimos responsáveis pela evangelização, e embora já saibam muito bem o que dizer, é bom antes pesar bem o que vão dizer.

A Igreja sabe muito bem o que dizer porque temos

especialistas que sabem, mas ela não diz por quê? Porque isto supõe uma conversão mesmo, mudança de valores muito sérios, sobretudo no que se refere às suas origens, origens marcadas por uma polêmica que se estendeu durante 20 séculos na maior inimizade que dois grupos irmãos puderam ter.

O judaísmo rabinico e o cristianismo são verdadeiros irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe, das Escrituras Sagradas, e, não obstante, foram dois irmãos que caminharam tão paralelamente em certas coisas, dizendo as mesmas coisas, tentando dizer e responder às mesmas coisas que nunca se encontraram, a não ser para se odiar, a não ser para se matar, porque se a história é cruel, está relacionada a judeus e cristãos.

Então a crítica que se faz ao judaísmo e ao mundo cristão é vontade de entrar dentro da História para refazer o caminho de tanta injustiça e de tanto sofrimento, e nesse caminho os cristãos são os primeiros que têm que dar o passo.

Nós temos que dar o primeiro passo porque somos maioria, o judaísmo acabou sendo prejudicado depois das guerras judaicas, sobretudo depois da 2ª guerra judaica. Acabou sendo marginalizado, tentando sobreviver como seita, como um grupo fechado. E um grupo de judeus-cristãos, agora majoritariamente feito por gentios, que com Jesus entra com todo ímpeto, ele se ecumeniza até se caracterizar como a religião oficial do Império. Agora quem manda somos nós e quem obedece, no fundo, são eles.

Se no começo alguma agressividade se encontra da parte dos judeus para com o movimento de Jesus, e de fato se encontra, e existem razões, agora a agressividade parte do chamado cristianismo, isto é, o cristianismo tem muito a pedir perdão em relação ao judaísmo.

Paulo, então, é um judeu treinado na exegese para orientar o povo para que seja um povo santo, um povo que lê a Torá.

## 5. PAULO, UM FARISEU?

Se Paulo, de fato, foi mesmo um fariseu - ele mesmo diz que foi filho de fariseus, mas alguns autores dizem que ser filho de fariseus não significa ser fariseu. Significaria ser simpatizante, nós temos o caso de Flávio Josefo, ele era sacerdote, e ele num determinado momento aceitou entrar num grupo de fariseus, no sentido de ir aprendendo mais sobre a Torá, depois de passar por várias experiências até com Bano no deserto, onde ele diz que, com muita força, se dedicava a se deixar envolver pela maneira dele de ensinar e fazer.

Então, se Paulo foi fariseu, temos muitas dificuldades para entender a vida de Paulo na diáspora. Se Paulo foi fariseu nós teremos necessariamente, enquanto minha compreensão alcança, que nos colocar cada vez mais próximos a Jerusalém. Porque não se entende isso fora da Palestina, tal é a normatividade de limites, tal é o rigor que o farisaísmo tem nos seus limites fora da Palestina a não ser que muitas coisas ainda nos falta saber sobre o judaísmo, o que também é verdade.

Quanto mais insistirmos que Paulo é fariseu mais teremos que colocá-lo em ambientes onde seja possível ser fariseu. Quanto mais insistirmos em simpatia pelo farisaísmo mais possibilidades teremos de localizar Paulo fora da Palestina, na diáspora, e mais poderemos entender Paulo como homem da diáspora.

A dificuldade que existia no chamado helenismo não existe mais, porque tanto o judaísmo da Palestina como o judaísmo da diáspora, todo ele já está helenizado faz muito tempo, no mínimo há uns 200 anos. Quando se diz que o judaísmo da Palestina é oriental, é hebraico e o judaísmo da diáspora é helênico, isso não é verdade, tudo já começa a ser helenizado a partir de Alexandre Magno, em 332. Os últimos livros da Escritura são em grego do judaísmo da Alexandria, então não teríamos dificuldades de entender a formação

helenística que de fato Paulo tem, que ele domina, a língua dele é o grego, a da Setenta não é aramaico nem hebraico, é o grego.

Mas isso não traz dificuldade nenhuma para entender Paulo no mundo judaico. O fato é que a própria tradição diz que ele teria sido formado aos pés de Gamaliel, inclusive uma irmã sua viveria em Jerusalém durante o estudo de Paulo. Tem muita coisa a trabalhar aí no meio, se quisermos saber a verdade.

É a imagem bonita e sacra de Lucas que fez com que não conseguíssemos saber quase nada de Paulo. É uma imagem tão bonita, a qual diz que Paulo era isso e aquilo, a tal ponto que a imagem é uma imagem fictícia e por isso é complicado para nós nos aproximarmos de Paulo.

Mas a dificuldade para entender Paulo está inclusive nas suas próprias cartas, porque são cartas que ele escreve sobre si mesmo como lembrança do passado. É por isso que insisto muito que a mudança de Paulo é um processo fundamentalmente feito pela comunidade na qual vive, que é uma "comunidade nova". Acho que foi essa vida da comunidade na qual ele vive com que fez que ele tentasse entender muitas coisas que aconteceram com ele.

Ele diz que não está hospedado, era um homem bom, irrepreensível, estudioso da Torá e como consequência um homem que quer que a Torá seja modelo de vida para seus compatriotas, mas que tudo isso ele considera tempo perdido... e numa outra ocasião diz, usando a terminologia profética: "Quando eu estava na barriga de minha mãe, Deus já me escolheu para que eu anunciasse seu Filho, para que eu revelasse seu Filho aos gentios".

Não aparece nenhuma vez a palavra conversão, poderia até caber na mudança de Paulo, uma mudança de passagem de valores para valores. Quer dizer que eu tenho esses valores pelos quais eu vivo, num determinado momento eles se desmoronam e outros valores surgem. Isto pode acontecer por uma experiência radical ou por uma experiência lenta, de

alguma maneira através de suspeitas que chegam à pessoa, pelas quais já não se sente seguro daquilo que sempre viveu.

O que terá acontecido com Paulo é um negócio meio complicado porque os textos nunca nos falam o que aconteceu. Eles nos dizem o que ele era e o que ele é, mas nunca o porquê. E quando Lucas nos passa aquelas narrativas bonitas, ele explica muito bem, quando diz que Paulo caiu do cavalo mesmo, mas no sentido de mudança radical de valores, a tal ponto que o que ele era, agora diz que foi tempo perdido.

## **6. PARA ENTENDER PAULO É PRECISO ENTENDER O QUE ACONTECEU COM O GALILEU JESUS**

Para poder entender o que acontece com Paulo e o que aconteceu com outros, inclusive com Estêvão, que para mim é uma figura importante para entender Paulo, teríamos que voltar muito para entender o que aconteceu com Jesus, o Galileu, provavelmente um rabi, homem mais ou menos preocupado com a vida cotidiana do povo e por isso mais curandeiro que estudioso.

Rabi, no sentido de alguém importante de uma aldeia, é como na minha cidade, onde tinha o Severino, que era como todos, um sujeito analfabeto, mas que tinha um pouco mais de dinheiro e era um pouco mais esperto, porque tinha cinco filhos que trabalhavam muito e por isso tinham mais dinheiro porque cultivavam a terra. Pois bem, aos domingos quando todo mundo tinha que resolver alguma coisa, o Severino reunia as pessoas e dizia como fazer. Mandava não como alguém que sabe mais que os outros, mas como alguém que tem um certo prestígio.

Esse prestígio pode surgir, no caso de Jesus, e isto me parece muito claro, pela dedicação, pela responsabilidade.

Nós percebemos muito isso nas paróquias, aquelas pessoas que não são nada. Eu me lembro de uma senhora de quase 75 anos, uma Portuguesa, que dominava um bairro da minha paróquia. Ela dizia tudo o que devia acontecer, tinha credibilidade. A credibilidade de Jesus está em que passou a vida fazendo o bem.

Pois bem, é preciso avançar no itinerário deste Galileu, para que termine crucificado em Jerusalém, porque é aí onde tudo se encaixa, inclusive o projeto evangelizador paulino, do contrário a gente nunca entende o que de fato aconteceu. Resumindo, me parece que a Cruz de Jesus Cristo, o ato de Jesus, para não dizer que foi um ato de “bobeira”, o que a gente nunca vai dizer porque seria uma perda - poderia até ter acontecido, tantos morreram de bobeira, no sentido de que você ia pela estrada e alguém atropela, e daí morre de “bobeira”.

Você estava fazendo qualquer coisa em Jerusalém, num ambiente tão delicado como era a ocupação em Jerusalém, e as autoridades judaicas não gostavam porque tinham medo. Eles entregavam facilmente qualquer estranho para as autoridades romanas.

Não penso que tenha sido uma morte de “bobeira”, no sentido histórico logicamente a gente sabe que não é. No sentido histórico, penso que a morte de Jesus foi uma consequência de um projeto muito bem traçado e que é um projeto extremamente desafiador ao Império, à ocupação e ao projeto de reforma do próprio judaísmo.

Jesus é um judeu e nunca deixou de ser judeu e o que ele pretende é que o judaísmo leve a sério a sua identidade na descoberta de Deus a partir de experiências também em Jesus. Experiências de alguma maneira estáticas, de alguma maneira carismáticas, pelas quais Deus se revela ou ele entende a Deus de uma maneira diferente. O que leva a uma ação extremamente diferente. Isto para não ter que dizer que, Jesus como é Deus já sabe de tudo e já não tem mais o que fazer a não ser morrer para

salvar os homens.

Para tirar esse absurdo de que a morte é um ato inútil e para isso construir a história real de Jesus, nós temos que entender a razão porque dentro do projeto dele cabia o judaísmo, era o ideal para o judaísmo, mas era extremamente perigoso para o judaísmo e para o Império. Era perigoso para as autoridades judaicas porque eram “pelegas”, ou seja, eram autoridades extremamente sem qualidades, sem qualificação nenhuma.

São autoridades colocadas pelas famílias sacerdotais, autoridades que sabem muito bem fazer as coisas. As famílias sacerdotais sabem muito bem fazer todo o ritual no Templo. São peritos no trabalho de purificação e também sabem que, através deste trabalho, se enriquecem muito bem, sendo as grandes famílias aristocráticas as autoridades mundiais que vivem em Jerusalém e cuja origem está no campo.

Então de alguma maneira o projeto de Jesus, a maneira de entender Jesus no judaísmo faz com que eles se sintam ameaçados e a ameaça nasce de um dado muito simples: para mim nasce da experiência da escuta de Deus e como consequência daquela coisa de que o homem é o grande evangelizador, ou seja, Deus está olhando este mundo e vê que este mundo é mau, e que este mundo não é o que Deus quer, e se não é o que ele quer, quem diz isto para nós é o pobre, é o sofrido. Nesse sentido ele é evangelizador, não porque é melhor que os outros, mas porque revela para nós que este não é o mundo que Deus quer.

Parece-nos que esta é a grande questão, embora, aqui existam muitas teorias e tentativas de entender, e ninguém entende nada. Quando muitas propostas se fazem, sempre penso que muitos procuram entender e é difícil chegar lá.

## 7. EM JERUSALÉM, JESUS ENFRENTA NORMAS SACERDOTAIS E IRRITA JUDEUS DA DIÁSPORA

Ultimamente penso que o grande momento do fracasso de Jesus em Jerusalém foi produzido por um enfrentamento com uma norma que a família de Caifás tinha estabelecido, pela qual todos os instrumentos, todos os animais, todas as vítimas que eram usadas para os sacrifícios, ele coloca no Templo de Jerusalém, numa das partes externas do Templo. De forma que, economicamente, é muito fácil, é como você colocar pipoca na frente da porta do colégio.

Então, se coloca no Templo todos esses objetos artificiais, inclusive troca de moedas para que o povo que busca oferecer a Deus um sacrifício correto, tenha nas mãos bons animais, bonitos, gordos, impecáveis, sem nenhum empecilho para oferta e que possam oferecer tranquilamente.

Pois bem, durante muitos anos esses lugares eram fora de Jerusalém, perto do jardim das Oliveiras, lá é que se poderia fazer essa compra que todo peregrino fazia, quando chegava a Jerusalém para oferecer em oblação um sacrifício ao próprio Deus.

Vejamos o que acontece, onde está de alguma maneira a crítica, onde está aquele negócio dos vendilhões que são expulsos, que as moedas são derrubadas. No fundo o que Jesus está dizendo é: "Vocês fizeram da casa de Deus uma casa impossível para o meu povo, para que o meu povo possa oferecer a Deus. Primeiro tem que ter muito dinheiro para comprar aquilo que vocês querem e, segundo, a oferta é de coisas, de animais", um questionamento na linha profética da misericórdia. A viúva que oferece o que tem, o que pode, é louvada. Jesus aí está dizendo que queria que o povo tivesse acesso a Deus, sendo a mediação de todos esses rituais maravilhosos que oferecem vítimas perfeitas, mas que não oferecem a vítima perfeita que é o ser humano.

Penso que esse ato de rebeldia de Jesus, que é um ato extremamente político, e extremamente econômico, porque o lugar do Templo é o recurso econômico para muitos, inclusive para a estabilidade que Roma aceitou e por isso Roma sente-se também prejudicada, pelo menos parece que pode ser prejudicada, este foi o momento sério que se concretiza quando Jesus quer substituir o Templo pelo amor que se expressa naquela comida que ele fará com seus discípulos, onde já está antecipando a grande vítima que se oferece a Deus com amor.

Quando Jesus substitui o Templo, quando diz que fizeram da casa de meu Pai uma casa de bandidos, substitui esse Templo de bandidos por uma recuperação dos próprios judeus, principalmente do povo mais do interior, mais pobre que o povo da Palestina ocupada. Nas grandes cidades estão os ricos que não são judeus, são gregos, as grandes cidades quase não têm população judia, são nas pequenas aldeias que se mantêm os judeus vivendo com suas famílias.

O grande drama para Jesus foi que a partir do momento em que ele quis que o povo tivesse acesso ao seu Deus, tornando-se assim um povo santo e um povo irmão, as ameaças que as famílias sacerdotais sentem provavelmente já contam com uma história de descontentamento com este Galileu. Há uma grande vigilância em relação a Jesus, provocando uma coisa que aparece na Bíblia, - é preferível que morra um do que morram muitos -, ou seja, Roma perceber esta região ocupada como uma região instável não é muito legal.

Pois bem, quando Jesus chega a Jerusalém, nós temos a imagem de que ele chega e morre, o que cria uma extrema contradição. Ninguém poderia conhecê-lo, e a gente não percebe que pode ter sido um tempo muito grande, onde as polêmicas vão acontecendo, onde as desavenças vão acontecendo, mas, sobretudo, tenho a impressão de que em algum momento Jesus teve acesso a grupos de judeus de língua grega, que viviam na diáspora, mas que sempre sonhavam em voltar a Jerusalém para morrer, ou pelo menos para poder

dizer “Estou na minha terra, na minha casa”. Isto é algo historicamente comprovado: os judeus têm muita vontade de voltar para Jerusalém, tanto que voltaram.

Pois bem, penso que para entender o que vai acontecer depois, sobretudo na figura de Estêvão, nós podemos deixar como possibilidade que o grupo que se reúne na esplanada ou nos pátios do Templo tenha se defrontado ou com Jesus ou com seus seguidores.

A pergunta é: Por que se defrontar? A resposta não é difícil, ou seja, o judaísmo da diáspora é um judaísmo que tem muitas ligações com Jerusalém que é muito educado a partir de Jerusalém, e que, como todo grupo que fica fora de sua casa mantém um certo tradicionalismo que é o que permite a eles sobreviver como grupo diferente. É como um italiano que chega ao Brasil e depois de 20 anos ele está comendo a pizza como aprendeu na sua “terrinha”, o que hoje ninguém mais faz lá, e ele mantém isso como sua identidade.

Então, nós temos que dizer: se por um lado o judaísmo da diáspora é muito aberto porque vive no mundo da diáspora, por outro lado é muito ciumento da própria identidade. Imaginemos homens que na diáspora lutaram para manter sua identidade e voltam para Jerusalém e se encontram com judeus que são capazes de abrir essas normas de condutas rigorosas que eles aprenderam a viver, abrir a tal ponto que outras pessoas possam entrar e modelos de comportamento fortemente tradicionais sejam deixados de lado!

Deve ter acontecido nas primeiras semanas depois da morte de Jesus um mal-estar, não só entre as autoridades, como entre os judeus da diáspora mais fiéis que não querem e não suportam uma abertura que é própria do judaísmo. O judaísmo não é tão legalista assim que diga: “Só é judeu aquele que cumpre a lei”... Ele quer fazer a vontade de Deus, quer viver o que Deus quer, mas de uma maneira muito própria, por circunstâncias históricas, muito fechado. Não pode abrir para

aqueles que vivem de qualquer maneira.

## 8. ESTÊVÃO CRITICA O TEMPLO E AS TRADIÇÕES DOS PAIS

Essa relação entre judeus e gentios está muito ligada ao fato político da Palestina sempre ocupada. Penso eu que, entre esses que tiveram suas discussões, uma figura que sobressai é a figura de Estêvão, que a gente não sabe qual foi a sua relação com Jesus de Nazaré, mas a gente sabe como foi seu fim como seguidor de Jesus de Nazaré.

Tem duas coisas que ficam como boato, e que deve ser verdade, por causa inclusive da própria história de Jesus, que é uma crítica ao Templo e, ao mesmo tempo, uma crítica às tradições paternas, que é o típico do farisaísmo.

Isso produz justamente entre os grupos de língua grega, está claro no texto de At 7, um mal-estar muito grande que toca a sensibilidade, que mudou muito para ser de um jeito, mas agora vem alguém falar que não é bem assim, a tal ponto que produz um linchamento. Estêvão vai morrer linchado. Pois bem, nós temos então, correndo muito, uma experiência de alguém que, seguindo Jesus, faz uma crítica ao Templo, às tradições paternas, se defronta de uma maneira tal com o saduceísmo e o farisaísmo que morre linchado.

O que acontece é que Paulo estava presente. É lógico que, para Lucas, Paulo tem que estar presente como grande perseguidor, como grande convertido, como homem ilustre que fala aramaico, hebraico, grego, tudo. Ele mesmo, quando escreve, quando se descreve, ele mesmo diz que não é uma figura grandiosa e que não é maravilhoso nas suas qualidades, ao contrário disso diz: "nós somos o lixo da sociedade. A gente

não levava sério o que ele dizia, mas era o que dizia. Vocês são maravilhosos, e o que somos? Nada, diz ele.

Pois bem, não acredito eu que Paulo tenha conhecido Jesus, e os autores de hoje reconhecem que não, mas com certeza Paulo fariseu, se de fato ele se formou em Jerusalém, e este é o caminho, Paulo apologiza logicamente em nome de Deus, em nome da Torá que ele conhece e não admite que alguém possa destruir essa forma muito clara de viver o judaísmo que é o modo farisaico.

Então, de alguma maneira, a afirmação fica mais forte no grupo de Jesus de que o tempo messiânico chegou, de que Deus não teria mais o que esperar e aqui vem toda a concepção apocalíptica. Isto pode e deve criar um mal-estar muito grande.

Usei a palavra apocalíptico que é a palavra chave, vocês sabem que nesse período o judaísmo produz uma literatura apocalíptica muito forte, que é uma literatura de resistência para um povo extremamente excluído.

O farisaísmo tinha criado uma concepção de uma convivência na ocupação, até o dia que Deus quisesse. A idéia era essa: Deus um dia vai intervir e todos os nossos inimigos vão sofrer. Até que ele mostre que vai intervir, a nossa obrigação é resistir aceitando os nossos sofrimentos. No fundo, no fundo o judaísmo sempre teve a idéia de que por causa de nossos pecados nós perecemos e por isso vamos esperar a hora que Deus quiser.

Aí vem a afirmação cristã, que, em síntese, diz que Deus decidiu e que já interveio. O tempo apocalíptico já aconteceu. Lida em termos histórico-sociais, isso significa que a presença de Roma na Palestina tem os dias contados - é o que o Apocalipse vai dizer depois. O que significa isso? É um ato de rebeldia de fato contra a ocupação de Roma.

## 9. A TRANSFORMAÇÃO OCORRIDA COM PAULO

Aqui o caminho se complica um pouco por causa da literatura apocalíptica e por causa da literatura mística judaica que pouco conhecemos, e que hoje os historiadores descobriram como grande veículo cultural para entender a conversão de Paulo.

A literatura apocalíptica, Henoc e outros textos, descobrem para nós que fora a literatura escriba, rabínica, existe uma literatura não muito aceita e que lida muito com novas revelações de Deus, que não são através de estudo da Torá, são através de viagens: "Eu fui levado ao sétimo céu..." E lá ele viu, ele vê, esse ver o transforma - a palavra é interessante, é **transformação** que é a mesma palavra que vai usar Paulo, que é a própria palavra que acontece com ele e com os cristãos. E Paulo também diz: "*Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu - se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem - se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! - foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir*" (2Cor 12,2-4), e ele fala muitas vezes das experiências que tem.

Olhando essa literatura paulina a partir da mística da merkabá e da apocalíptica, a gente está sabendo que nesta época alguns ou diversos personagens, incluindo a figura de Henoc que é muito forte, passam por experiências estáticas muito fortes, que os levam a devolver ao povo um tipo de interpretação da Escritura que não é a dos fariseus e dos saduceus, fazem-na essênios e messiânicos, ou seja, rebeldes.

Pois bem, os autores caminham para entender que o que aconteceu com Paulo foi o que aconteceu com outros personagens, justamente por ser uma experiência apocalíptica, mística, onde ele vê, ele ouve, - isso hoje não se sabe muito bem explicar o que houve depois, as mudanças que acontecem - e

nesse acontecimento fica muito claro para Paulo que alguém que era maldito pela compreensão que tinha da Lei, agora não o é mais, pois ele se identifica com a figura de Jesus. Nós temos já um ponto de partida para uma mudança que pode acontecer com Paulo. Essa mudança pode acontecer assim, aconteceu. E como consequência ele diz que era desse jeito, agora já não é mais.

Mas pode acontecer de outra maneira: Paulo persegue as comunidades, ele teve essa experiência - quatorze anos faz eu fui levado - e fica com ela e se produz em Paulo num processo lento - isso me parece mais certo lendo as cartas de Paulo à distância - se produz num processo muito lento, mediatizado pelas próprias comunidades, onde ele vê uma mudança que o transformara, e que anos depois quando ele olha para elas usa a terminologia profética para dizer que Deus o escolheu para revelar seu Filho aos gentios.

## 10. ONDE ESTÁ A NOVIDADE DA EXPERIÊNCIA DE PAULO?

O que é que aconteceu, e por que foi tão fundamental? Por que muitos seguidores de Jesus de Nazaré não passaram por isso, eram judeus e continuaram sendo judeus sem problema nenhum? Onde está a novidade e a radicalidade da experiência de Paulo?

Está justamente em ver o crucificado Jesus de Nazaré como alguém aprovado por Deus e, como consequência, o que era mantido pela Lei agora não é mais. Aí virá uma reflexão muito grande de Paulo sobre o que significa manter-se judeu. O que faz a Lei diante dessa experiência?

Depois dessa experiência há um processo

complicado que o próprio Paulo narra, quando diz: *“Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse\* entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias (...) Em seguida, fui às regiões da Síria e da Cilícia...”* (Gl 1, 15-21). E ficou muito tempo em Antioquia. Antioquia é uma cidade de muitos judeus e de comunidades cristãs muito próximas. Paulo ficou lá quatorze anos no mínimo, ou seja, podemos dizer que acontecem muitas coisas, se Paulo está ligado a Antioquia.

É um processo muito lento. Primeiro, nele mesmo acontecem coisas, e ele mesmo tem que ir entendendo o que acontece, e ele cada vez mais assimila esse acontecimento. E vai fazendo essa passagem muito espontânea de todo o seu ensinamento, de todas as técnicas que sabe como fariseu agora aplicadas numa visão que não é mais farisaica, pois ele mesmo diz o que era e não é mais, o que era não tem mais valor.

Então, nós vamos ver agora o Paulo que usa todo o cabedal que ele tem como fariseu para entender essa nova realidade. Essa nova realidade já não foi anunciada um pouco por Estêvão e pelo grupo em que ele estava? Já foi anunciado. Em que consiste essa novidade?

Consistiria em que a morte de Jesus com tudo aquilo que ela trouxe de abertura para os pequenos, para os que não são nada, essa abertura cada vez mais vai se afirmar, e ela se afirma numa polêmica que ia acontecer mais cedo ou mais tarde, que é: nós somos seguidores de Jesus de Nazaré defronte ao judaísmo e defronte ao Império.

Como é que devemos abrir as portas àqueles que vêm à nós? Essa atitude, que, no fundo, sociologicamente

falando, é uma luta pela identidade, produziu grandes divergências dentro do movimento cristão. Movimentos ligados a Estêvão, ligados a Tiago, a Barnabé, ao próprio Paulo, a Filipe, existem muitos grupos que são seguidores de Jesus de Nazaré, mas que não pensam da mesma maneira.

A grande novidade - e aqui entra o tema que eu vou anunciar e explicitar - a grande novidade no evangelizar de Paulo está justamente aí: entre as muitas possibilidades que existem na relação do movimento de Jesus com o judaísmo, Paulo termina afirmando que ***o caminho correto da humanidade é o de uma humanidade onde as barreiras do judaísmo e dos gentios desaparecem. Ou seja, a comunidade que Paulo ambiciona, que sonha, é uma comunidade onde não tem homem, nem mulher, nem criança, nem bárbaro, nem grego. Forma-se uma humanidade sem barreiras, sem fronteiras.***

O judaísmo poderia aceitar muitas coisas inclusive que os gentios não fossem obrigados a viver de acordo com a Torá. Muitos judeus faziam isso, inclusive fariseus diziam isso, os judeus que vivem de acordo com suas consciências são salvos e em alguns momentos nem queriam ser judeus.

O grande problema para mim, que constitui o grande eixo da evangelização de Paulo é criar uma comunidade onde se sentam à mesa judeu e gentio, sem criar aquela situação de que um está contra o outro, mostrando uma comunidade possível e como consequência uma superação das barreiras cerimoniais que a lei impunha.

Num certo sentido Paulo preenche a lei, porque a lei nada mais é do que a vida que provém de Deus e se os judeus são luz para os gentios, no tempo messiânico essa luz torna-se real. Num certo sentido Paulo pode dizer "nós somos verdadeiramente os circuncidados"; agora, o que Paulo diz claramente, porque vive em comunidades não judias, é que não tem sentido viver as normas práticas que caracterizavam os

judeus.

Lendo à luz de Deus, eles dizem que tudo perdoaria o judaísmo, o que não poderia perdoar é que alguém judeu pudesse dizer que judeus e gentios podem viver juntos e que isso não é empecilho para viver a própria Torá, mas o que Deus quer.

## 11. PAULO EVANGELIZA NA CASA E NO TRABALHO, DOIS LUGARES PERIGOSOS

A partir de todas essas coisas que fui falando, que são um pouco complicadas, eu queria chegar a um ponto: se é verdade que Paulo propõe uma comunidade sem barreiras, pensemos num Império Romano classificado extremamente com barreiras, há patrícios, plebeus, escravos, livres... Aí vêm as comunidades paulinas que acolhem dentro delas toda essa massa de gente perdida, sem raízes - ou porque perderam a terra, ou porque perderam a liberdade, ou porque perderam a pátria - onde todos vão ser bem acolhidos, onde vão se sentir bem...

Vão se sentir bem nos lugares onde Paulo está fazendo algum serviço, nas cidades por onde passa, no trabalho onde Paulo se ocupa. Ele é trabalhador, que evangeliza ao trabalhar, talvez aí onde as pessoas devem se sentir bem acolhidas, principalmente todos aqueles gentios que tinham atração para uma vida "espiritual" mais correta. De fato, as pessoas que se aproximam de Paulo estão muito ligadas ou atraídas pelo judaísmo, atraídas pelas sinagogas da diáspora.

Isso acirra muito mais os outros contra Paulo, principalmente o judaísmo mais fiel, que pensa: "ele está tirando nossa freguesia" e vão dizer a Paulo: "Você tirou toda essa

prática cerimonial para facilitar a vida deles e assim tirá-los de nós". Ou seja, se acirra muito esta hostilidade contra Paulo.

O grande ideal de Paulo é criar comunidades que são frutos de uma interpretação da Torá onde haja uma humanidade sem divisões, sem rupturas. Eu imagino que isso só nasce de experiências profundas, porque como é que se pode pedir para o judaísmo aceitar essa comunhão com aqueles que estão ocupando e destruindo, como fizeram depois, destruíram o Templo, destruíram a terra, como é que se pode pedir, como é que Paulo pode pedir para um judeu aceitar viver com os gentios?

Então eu digo que alguma coisa seríssima aconteceu com Paulo, que ninguém vai dizer que não é verdade, porque ele experimentou e ele pode dizer: "Eu vi o Senhor". Apesar dele ficar sozinho, pois Paulo foi um homem que ficou sozinho, nem os seguidores de Jesus, nem os de Jerusalém, nem os de Antioquia terminaram acompanhando Paulo, ele rompeu com os de Jerusalém, rompeu com os de Antioquia e criou uma pregação independente que o leva a uma experiência de abertura e como eu dizia, através de dois lugares perigosos: **a casa e o trabalho**.

Paulo ter escolhido a casa e o trabalho como lugar de evangelização foi coisa perigosíssima, a causa de todo o sofrimento de Paulo, mas um caminho fácil, não precisava se criar uma estrutura nova que Roma não permitiria. Roma era muito vigilante em relação a grupos que se reuniam sobretudo com perspectivas libertadoras, não permitia facilmente. Paulo ter escolhido a casa e o trabalho não teria nada de novo no Império, mas aí é que ele entra pelo cano.

Quando na casa se constitui a *ekklesia*, e Paulo ou outros evangelizadores seriam os dinamizadores da casa, eles se confrontam com a realidade do Império, em que o pai de família é que manda na casa e o pai de família tem toda uma estrutura e um montão de gente que depende totalmente dele.

Ele é que marca as regras, os limites. É compreensível que o pai de família estivesse mais apto para reproduzir as estruturas do Império e esta estrutura diz que o rico deve estar em cima e o pobre em baixo, e o pai de família, por menos rico que seja, tem uma casa, o que o escravo não tem.

Na hora do pai de família viver a fé naquele mundo no qual ele vive, vai se defrontar com a fé daqueles que não têm nada e que agora são vistos como irmãos, e Paulo diz que somos irmãos. Quando diz que um está com a barriga cheia e o outro não tem nada para comer, isto não é aceito. Vemos que os conflitos que Paulo vai enfrentar, na sua grande maioria provêm de conflitos com os pais de família.

E assim, um pai de família que tem boas condições econômicas e muito poder e muita lábia consegue encontrar outros evangelizadores e que podem ajudar muito mais e com mais conteúdos do que Paulo. É o caso de Apolo, é o caso de Pedro, é o caso das comunidades fáceis através deles.

Por quê? Porque nas comunidades de Paulo, o caminho é o da alternativa com as comunidades do Império. O modelo do Império não se reproduz nas comunidades paulinas, quem vive no Império vai sentir muito um caminho alternativo ao Império. Ele vai aprender toda uma estrutura que embasaria uma vida e um projeto.

Imaginem vocês, eu estava vendo televisão, estava passando uma novela chamada "Torre de Babel". Fiquei pensando: como reproduzem valores nessa televisão que nada mais são que cópias de valores do centro do poder.

Eu me perguntava: Como é que Paulo vai se virar num Império muito bem tramado em termos de valores, em termos de propagandas, em termos de compras? Porque o Império compra as cidades, compra as autoridades, e como é que alguém que oferece uma alternativa de igualdade, de não ruptura, como é que vai se sentir bem numa cidade que vive única e exclusivamente do apoio do Império?

Eles vão ser os primeiros a serem visados: "Vocês colocam em perigo a nossa sobrevivência". Aqui eu digo uma coisa e quero que fique muito claro: as comunidades cristãs não sofreram por causa do Império, não tiveram perseguições por causa do Império, **tiveram perseguições dos cidadãos das cidades onde elas viviam.**

Elas eram uma ameaça para as cidades, para as aldeias. E, por isso, aqui os judeus tiveram muita culpa, quando eles quiseram ter uma relação tranqüila com Roma. Para sobreviver, eles denunciavam muitas vezes os cristãos que não tinham mais essa maneira, esse modo de viver submissos às ordens do Império, porque eles diziam que o tempo messiânico havia chegado e não tinham como os judeus que esperar o tempo chegar.

Resumindo: este cenário é uma selva para mim, o que não significa que seja coisa tumultuada. Não, é uma selva que tem muita vida, e a gente não pode ultrapassá-la correndo, tem que parar nela e ver o que está acontecendo ao lado, aquelas plantas novas, aquele riacho, tudo isso é vida da selva, parece um amontoado de coisas. Assim eu entendo hoje a literatura paulina, o processo evangelizador de Paulo, como uma grande selva, mas uma selva que toca o nosso real. Nós hoje - eu digo isso com medo - nos defrontamos com modelos tão bem organizados ou mais organizados do que o Império Romano.

## 12. O PROJETO PAULINO E A EVANGELIZAÇÃO HOJE

E como os grupos foram capazes de reagir, como reagiu, por exemplo, o grupo judeu?

E quando as coisas apertaram, poucos reagiram

como reagiu o grupo paulino e por isso as comunidades paulinas são chamadas de comunidades do crucificado. Paulo não vai poder dizer outra coisa senão “Eu prego o Cristo crucificado”. É por isso que nas cartas paulinas é compreensível a linguagem da tribulação, da perseguição, isto é constante. E Paulo quando quer falar dele mesmo diz: “Perseguições disso, perigo daquilo, naufrágios, prisões”.

Onde está isso numa linha lucana, onde Paulo conversa com as autoridades, conversa com todo mundo, como se fosse um grande cidadão romano, soldado lá da sétima legião? Não é essa a imagem de Paulo em Paulo, não tem nada a ver com o homem ilustre dos Atos, não tem nada a ver. Lucas usa memórias e tradições para se defrontar com outro problema, que é o final do século I, ou pelos anos 80 a 90. É outro problema interno da Igreja.

Paulo nas cartas não está diante de uma Igreja, ela não existe, está diante de um Império Romano que ocupa a Palestina e um povo que resiste a esta ocupação, um povo extremamente dividido internamente por causa desta ocupação. Ele tem um lugar, o lugar de Paulo, que não é o lugar de Pedro, nem o lugar de Tiago.

Seria bonito ver depois porque o cristianismo e o judaísmo se separaram. Esse depois é preciso trabalhar, porque é aí onde começamos a entender porque somos irmãos e porque nos separamos. Não foi por questão de teologia: o que nós cristãos dizemos de Jesus, os judeus não têm dificuldade de entender, inclusive no que se refere à Trindade existem muitos textos da figura humana de Deus. Tudo isso nós inventamos para hostilizar os judeus. Porém, eu penso que por detrás da divisão existe como sempre a luta pelo poder. E nessa luta pelo poder nós temos muita culpa.

Eu não sei se expliquei, compliquei ou facilitei. Queria só duas coisas. Primeiro, quando se diz que o projeto paulino é a única possibilidade que existe do mundo sobreviver, é a

mesma coisa quando dizemos que se evangeliza os pobres ou que só os pobres evangelizam os pobres. Evangelizar os pobres é dizer que o mundo só sobrevive se os pobres forem levados a sério, do contrário sobrevivem grupos, elites, mas não a humanidade. É o problema que Paulo teve: a humanidade só sobrevive se ela assume a cruz de Jesus, o que significa que o crucificado perdeu mas ganhou.

O Deus que se revela no crucificado é o Deus universal, o Deus sagrado que tem poder é o Deus partidário. Partidário por quê? Deus só pode ser partidário, Deus é partidário da vida, só pode ser e por isso partidário do pobre, não do rico que em princípio é quem destrói a vida.

Biblicamente o rico é aquele que destrói a condição humana e como consequência a proposta paulina viveu, existiu, resistiu, e a Igreja ficou apavorada e a esqueceu quase sempre.

Quando ela se lembrou de Paulo produziu os grandes momentos de renovação da Igreja. A polêmica pelagiana com Agostinho, a polêmica protestante com Lutero e Calvino e a própria teologia de Karl Barth que se encontra no comentário da Carta aos Romanos e que produz todo o conjunto teológico que desemboca agora.

E hoje escritos cada vez mais sérios sobre Paulo estão dando algo que estava faltando mesmo à chamada Teologia da Libertação.

Obras como a “Contra toda Condenação”, obra traduzida já em português. É uma leitura sobre a justificação que nasce de experiências da América Latina, então é difícil a gente conseguir avançar com Paulo aqui na América Latina porque a floresta é muito grande, mas tem gente trabalhando e sobretudo tem comunidades vivendo aquilo que Paulo vivia, porque mais do que ensinar, mais do que fazer uma pregação, Paulo criava núcleos.

O evangelizar de Paulo não é ensinar: é criar núcleos

de vida, organizar esses núcleos, e uma vez que eles se organizam eles se espalham e criam outros grupos e estes outros grupos e assim por diante.

É muito difícil entender Paulo como evangelizador, nós o entendemos como teólogo, o que ele nunca foi, ele é evangelizador. O que eu queria passar era isto, e isto é o que eu gostaria que fosse verdade na comunidade cristã.

***Padre Herminio Andrés Torices é Mestre em Ciências e Línguas Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e Professor de Novo Testamento no ITCR da PUC-Campinas e no ITESP, São Paulo. Transcreveu o texto Sebastião Luiz de Souza do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.***